

Exposições e festivais de cinema 4º Festival de Cinema do BRICS

Lucas Reis¹



Figura 1: Arte do 4º Festival de cinema do BRICS. Niterói, Brasil, 23 de setembro a 9 de outubro, 2019.

O *4º Festival de Cinema do BRICS* ocorreu em Niterói, Rio de Janeiro, de 23 de setembro a 9 de outubro de 2019. Foram dezessete dias das mais variadas discussões sobre cinema e audiovisual. A proposta do festival é uma reunião de produções e atividades cinematográficas entre os países componentes do BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, grupo reconhecido por suas economias emergentes. A primeira, em 2016, aconteceu na Índia, a segunda foi organizada na China e a terceira foi realizada na África do Sul. Cada edição do evento carrega consigo particularidades da sede.

A edição de 2019 teve uma universidade como organizadora, no caso a Universidade Federal Fluminense (UFF), através do Departamento de Cinema e Vídeo. A organização contou com a cooperação da prefeitura de Niterói, apoio da Agência Nacional de Cinema (ANCINE) e patrocínio da Secretaria Especial de Cultura, do Ministério da Cidadania. As atividades ocorreram, majoritariamente,

¹ Instituto de artes e comunicação social, Universidade Federal Fluminense, Rua Professor Lara Vilela, 126, São Domingos, CEP 24210 590, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

no Centro de Artes da UFF e no Cinema Reserva Cultural, prédio público concedido ao grupo Reserva Cultural.

A relação do Departamento de Cinema e Vídeo com a cidade de Niterói é longa e marcada por diversas parcerias. Inclusive, o curso de cinema e audiovisual é considerado patrimônio cultural imaterial da cidade por conta de sua importância acadêmica. Pelo fato de ser uma universidade que abrigou o evento e, dada a importância histórica do curso de cinema e audiovisual da UFF, o segundo dessa área a ser fundado no Brasil, algumas características inatas ao curso sobressaíram na programação e debates durante o evento, como discussões sobre a história do cinema, sobre educação e sobre preservação audiovisual.

A primeira discussão a se destacar é o olhar atento para a história do cinema. Vários mini-cursos sobre a história do cinema dos países que formam o BRICS foram oferecidos por professores especialistas vindos de seus países. Assim, por uma semana, o público pôde entrar em contato com a história do cinema chinês, com o professor Shi Chuan; com a história do cinema indiano com o professor Ashish Rajadhyaksha; com a história do cinema sul-africano com o professor Martin Petrus Botha; e por três dias com a história do cinema russo soviético com o professor Peter Bagrov. Além dessas oficinas específicas, houve mais uma intitulada *relações audiovisuais entre os países do BRICS: passado, presente e futuro*, coordenada pelos professores Stephanie Dennison e Chris Homewood, da Universidade de Leeds, na qual foi pensada uma conexão entre a produção dos países componentes do grupo.

O cinema brasileiro ficou a cargo de textos no catálogo do evento, com versões em português e em inglês, facilitando o acesso dos convidados estrangeiros. Fabián Núñez, a partir do seminal artigo de Paulo Emilio Salles Gomes intitulado *Trajectoria no Subdesenvolvimento*, foca no subdesenvolvimento brasileiro como um estado constante e não um estágio transitório. Núñez, para destacar como os filmes realizados no Brasil nos últimos anos trazem consigo certa melancolia de um país que finalmente estaria se modernizado, mas que teve esse sonho interrompido e, nos últimos anos, ainda agrava suas intensas contradições sociais, afirma:

“(O Brasil) Agora é uma potência regional, faz parte dos novatos na arena mundial (os BRICS), deixando definitivamente para trás o “complexo de vira-lata” de país pobre e subdesenvolvido. No entanto, ao alcançarmos esse tão sonhado status, novos desafios se descortinam à nossa frente, descumprindo as promessas que seriam realizadas pela abundância econômica e pelo prestígio político. É esse gosto de desilusão que nos abate e eis o vazio da utopia que nos move. No entanto, esse sentimento de transição se rompeu. O Brasil “não chegou lá”. Mais uma vez, um projeto de nação foi bruscamente interrompido, vindo à tona o lado mais sórdido, cínico e tosco do arcaísmo da sociedade brasileira. A atual e devastadora onda conservadora que atropela o país dilacerou a sensação de transição em direção a um rumo desconhecido, mesmo que a promessa de modernidade não tenha sido cumprida. Assim, se antes era o vazio

da utopia que nos movia, devido à desilusão com a promessa de modernidade, atualmente é o retorno de um impune passado recalçado que nos lança a um esvaziamento radical do futuro.” (Núñez 2019, 49-50)

Já Rafael de Luna, recria um percurso histórico para esclarecer como a cidade de Niterói tem uma longa tradição cinematográfica e como o Cine Arte UFF, uma das sedes do festival, se tornou um dos importantes pontos culturais da cidade:

“Na segunda metade do século XX, com a emergência do cinema moderno, o público niteroiense foi brindado com um cinema de arte para exibir as novas produções autorais brasileiras e estrangeiras. O Cine Arte UFF, inaugurado em 1968, conferia vida nova à sala de cinema do antigo Hotel Balneário Icaraí. Comprado pela Universidade Federal Fluminense, o belíssimo prédio em art déco, inaugurado em 1939 para abrigar o Hotel Cassino Icaraí, tornou-se sede da reitoria da UFF e, hoje, do Centro de Artes da UFF.” (Luna 2019a, 56)

O festival também contou com uma mostra dedicada a filmes clássicos dos cinco países. Houve a exibição de *Ganga Bruta*, dirigido por Humberto Mauro. Fracasso de público e de crítica em 1933, ano de seu lançamento, muito por conta de ser silencioso em uma época na qual o cinema sonoro já predominava no gosto do público, o filme foi revalorizado como uma das grandes obras na história do cinema brasileiro e Mauro como um dos principais realizadores da primeira metade do século XX no Brasil. Durante três dias, a exibição do festival ocorreu no Centro de Artes da UFF, com o acompanhamento da Orquestra Sinfônica Nacional (OSN/UFF).





Figuras 2-3: Orquestra sinfônica Nacional durante a exibição de *Ganga Bruta*
© 4º Festival de Cinema do BRICS

A sessão de clássicos ainda contou com o filme brasileiro *Eles Não Usam Black-Tie*, dirigido por Leon Hirzsmann, e também com outros oito filmes, dois de cada país estrangeiro. A mostra serviu aos cursos de história do cinema como possibilidade para os discentes assistirem aos filmes e produzirem ensaios analíticos, a partir das aulas que foram oferecidas previamente. Assim, puderam usufruir da ótima projeção do Cine Arte UFF para entrar em contato com obras de difícil acesso e enriquecer seus repertórios cinematográficos.

Além das histórias do cinema, outra atividade desenvolvida foram as sessões escolares. O Departamento de Cinema da UFF conta com duas graduações: um bacharelado no qual os discentes são formados para o mercado de produção audiovisual e a licenciatura especializada na formação de educadores para atuação em instituições de ensino formais e não-formais. A única licenciatura em cinema e audiovisual do Brasil é oferecida pela UFF, sendo assim, o curso é um pólo do pensamento de cinema e educação no país. Então, nada mais justo do que uma mostra específica que contemple a produção de escolas de cinema dos países que compõem o BRICS. Ao todo foram exibidos vinte e oito curtas-metragens contemporâneos e o filme *Crônicas Sul-africanas* de 1987, projeto de formação cinematográfica de jovens da África do Sul, que segundo o catálogo da mostra é “uma montagem de fragmentos criados por um grupo multiétnico de 12 jovens sul-africanos” (Aranha, Resende, Siqueira 2019, 122).

O festival também contou com uma residência audiovisual em que dezesseis estudantes se juntaram para uma formação em cinema, especificamente no campo do documentário. A divisão foi feita entre oito estudantes estrangeiros (dois de cada país do BRICS) e oito

estudantes brasileiros (dois da UFF), todos em contato com professores para que pudessem produzir trabalhos audiovisuais específicos, ampliando o festival como um evento de formação educacional.

Outro tema profundamente abordado no festival foi a preservação audiovisual. Em um momento que instituições de guarda estão sob risco, como garantir a conservação adequada do material fílmico? Debate, esse, costumeiramente acanhado no Brasil. Em 2002, o curso de cinema e audiovisual da universidade abriu em sua grade, de forma pioneira, a disciplina *preservação, memória e política de acervos audiovisuais*, voltada para a conservação da memória fílmica, e em 2005 essa disciplina passou a constar como obrigatória para o bacharelado em cinema e audiovisual. A partir daí, iniciou-se os estudos sistemáticos de preservação audiovisual no país. Atualmente, o curso conta com um Laboratório de Preservação Audiovisual (LUPA) que mantém atividades contínuas ligadas às diversas facetas de preservação audiovisual e recebe materiais e coleções de profissionais e apaixonados por cinema para catalogar e manter acessível para os estudantes e para a população em geral.

O LUPA foi responsável por duas exposições de equipamentos cinematográficos históricos - uma no Cine Arte UFF e outra no Reserva Cultural - nas quais o público teve a oportunidade de entrar em contato com antigos aparatos de cinema como câmeras, gravadores de som, moviolas, projetores, dentre outros e perceber as mudanças desses apetrechos dos primeiros tempos das imagens em movimento até os dias de hoje, em que a tecnologia digital comanda os espaços comerciais de exibição cinematográfica. A exposição do Cine Arte UFF também marcou a relação de memória que o cinema oferece, seja pelo evento coletivo que a sala de cinema propicia, seja pela produção de imagens em nível amador que são preservadas para a posteridade.

Essa edição ainda contou com o *Primeiro Encontro de Preservação Audiovisual do BRICS* em que profissionais ligados às cinematecas dos cinco países puderam destacar seus trabalhos, dificuldades e desafios para o futuro. Nesse sentido, o evento possibilitou uma primeira aproximação de profissionais que se encontram distantes geograficamente, mas que mantêm diversas questões em comum. Segundo Rafael de Luna:

De um modo geral, talvez a principal semelhança seja o fato de a discussão sobre preservação audiovisual nos países do BRICS quase sempre ser intermediada pelos fóruns, eventos e associações estadunidenses e européias, em vez de ser dar pelo diálogo direto entre Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Em associações tradicionais... ou em mais recentes... arquivos e arquivistas audiovisuais dos países do BRICS geralmente não possuem o protagonismo correspondente à importância de suas histórias e acervos. Por mais que o conhecimento e a experiência acumulados pelo campo da preservação audiovisual nos arquivos de filmes e cinematecas da Europa e dos Estados Unidos tenham sido fundamentais para o desenvolvimento dessa área nos países do

BRICS - e continuem sendo, aliás - hoje é indiscutível o fato de que nossos desafios são diferentes e demandam que desenvolvamos nossas próprias soluções. Um passo fundamental para isso é que conheçamos melhor uns aos outros. (Luna 2019b, 182)

De forma geral, os debates foram bastante proveitosos para os profissionais e interessados em preservação audiovisual e fica o desejo de que essas conversas se desdobrem na próxima edição do festival que acontecerá na Rússia. O festival ainda contou com outras atividades como uma mostra de cinema contemporâneo, uma mostra de animação, um fórum de negócios e a criação da ARACI - Incubadora de projetos de cinema e audiovisual da UFF, que irá agregar propostas dos discentes. Por ser um festival de grandes proporções, a programação foi intensa e distinta entre si e várias atividades ocorreram paralelamente, necessidade que se impôs devido à magnitude do evento.



Figura 4: Anúncio do encontro de preservação audiovisual
© 4º Festival de Cinema do BRICS.

O que se manteve como núcleo duro é a certeza da gênese da universidade pública brasileira. Ao realizar um festival de grandes proporções com debates que se fundamentam na própria comunidade acadêmica e se propagam pela sociedade, a Universidade Federal Fluminense faz valer a vocação de ensino, pesquisa e extensão comuns as propostas acadêmicas das instituições universitárias de ensino. Em um momento de estrangulamento da educação pública, o *4º Festival de Cinema do BRICS* é uma prova de que a universidade ainda é um pólo aglutinador de conhecimento, produção científica e contato com o público de forma ampla e horizontal.

BIBLIOGRAFIA

- Aranha, Rachel; Resende, Douglas; Lima, Mariana de. 2019. “Mostra filmes de escolas”. In: *Catálogo do festival. Brics film festival*. Niterói: EdUFF, pp. 121-124.
- Luna, Rafael de. 2019a. “Niterói e cinema: uma longa história”. In: *Catálogo do festival. Brics film festival*. Niterói: EdUFF, pp. 55-56.
- . 2019b. “Encontro de preservação audiovisual do BRICS: uma oportunidade inédita”. In: *Catálogo do festival. Brics film festival*. Niterói: EdUFF, pp. 181-183.
- NÚÑEZ, Fabián. 2019. “O Brasil e o cinema”. In: *Catálogo do festival. Brics film festival*. Niterói: EdUFF, pp. 47-50.